

LEMBRAR É RESISTIR: O PERFIL DA/O MILITANTE NEGRA/O NAS ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA.

TAIRANE RIBEIRO DA SILVA¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – tairanee@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo na historiografia, criou-se uma imagem do negro no pós-abolição, no qual ele ficava circunscrito apenas ao mercado de trabalho, de mão de obra brutal, sendo excluído do mundo da política, das tomadas de decisões, permanecendo sempre a margem da história e consequentemente apresentado de forma inferiorizada tanto culturalmente como socialmente. Ou seja, criou-se a imagem errônea do negro como vítima na história do Brasil. Porém, com a nova onda da historiografia dos últimos anos, a trajetória das pessoas negras passou a ter uma nova abordagem. Segundo DOMINGUES (2009) as cotas raciais e a lei 10.639/03 desencadearam na sociedade brasileira o debate em âmbito nacional sobre as problemáticas do negro e evidentemente despertou o interesse em temáticas relacionadas aos mesmos como a diversidade racial e sua história, o que trouxe a mudança na historiografia no país.

Nesse sentido, este trabalho vem com o objetivo de trazer novos protagonistas na temática em questão: a ditadura civil-militar brasileira. Compreendida de 1964 a 1985, esta teve início com um golpe de Estado, que segundo NAPOLITANO (2014):

[...] foi resultado de uma profunda divisão na sociedade brasileira, marcada pelo embate de projetos distintos de país, os quais faziam leituras diferenciadas do que deveria ser o processo de modernizações e reformas sociais. O quadro geral da Guerra Fria, obviamente, deu sentido e incrementou os conflitos internos da sociedade brasileira, alimentando velhas posições conservadoras com novas bandeiras do anticomunismo (NAPOLITANO, 2014, p. 10).

A oposição ao golpe civil-militar no país não resumiu-se apenas ao âmbito das classes ricas e médias, majoritariamente brancas, houve também toda uma presença e resistência da população pobre e negra nesse movimento de confronto contra o golpe que estava instaurado no Brasil. É importante ressaltar que a população negra e pobre foi a que mais sofreu com as políticas autoritárias da ditadura. Dentre os mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar, temos nomes de militantes de origem negra, embora pouco se tenha conhecimento deles, por conta de não ter um levantamento de dados concretos sobre negras e negros presos e/ou mortos e desaparecidos no período, por não haver documentos que comprovem suas militâncias, o que torna a reconstrução de suas histórias e trajetórias uma tarefa árdua e nesse sentido COSTA (1982) diz que:

Cada vez que há um endurecimento, um fechamento político, o negro é atingido diretamente porque todas as suas reivindicações particulares, a exposição de suas ânsias, a valorização de sua história, desde que não sejam feitas segundo os ditames oficiais, cheiram à contestação subversiva (COSTA, 1982, p.16-17).

Assim esta pesquisa tem como objetivo central conhecer a história e fazer uma análise sucinta de quem são as/os militantes negras e negros, mortos e/ou desaparecidos que não tiveram até então um olhar especial diante suas trajetórias políticas e de resistência a ditadura civil-militar brasileira.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização do trabalho foi uma pesquisa a partir de um levantamento de dados de negras e negros mortos/as e desaparecidos/as, realizado com base no relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV) publicado no ano de 2014. O relatório está dividido em 3 volumes, onde o primeiro faz uma apresentação do CNV e suas atividades, o segundo volume concentra-se nos textos temáticos, apresentando a violação dos direitos humanos em diversas áreas e o terceiro volume é o que apresenta a listagem de mortos e desaparecidos políticos, que é o qual a pesquisa está concentrada. Neste terceiro volume, consegui extrair algumas informações como o nome de cada militante, data e local de nascimento, atividade profissional, organização política que cada um militava, se é morto ou desaparecido político, etc.

Além do relatório da CNV, outros relatórios estaduais foram utilizados, como o da Comissão da Verdade Estadual de São Paulo Rubens Paiva, onde através do tomo II deste relatório, consegui algumas informações para que fosse possível contextualizar a questão da inserção da população negra no período, e alguns textos relacionados às questões raciais, que foram utilizados para a complementação de ideias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é uma pesquisa em andamento, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso (TCC), alguns dados e resultados ainda ficam em aberto para análise que ao fim da pesquisa pretendo solucionar. O volume II do CNV está dividido e organizado em eixos temáticos, onde aparecem as questões de violações de direitos humanos nos meios militares, camponeses, indígenas, da comunidade LGBTT+, entre outros. E não por menos, pecebo que a questão da violação dos direitos humanos relacionado a população negra não está representada no relatório, sendo esse uma das justificativas que tornam o meu trabalho pertinente.

O Relatório da Comissão Nacional da Verdade, apresenta um total de 434 mortos e desaparecimento políticos. Como o objetivo é saber o total de negras e negros existentes, foi feito um levantamento de pretos/as e pardos/as, onde obtive o resultado de 42 pretos/as e pardos/as, sendo 37 homens e 5 mulheres, evidenciando portanto alguns aspectos para o debate. Observo um número inferior de pretos e pardos com relação ao numero total de mortos e desaparecidos políticos e dentre este número pequeno, um total de apenas 5 mulheres, o que confirma a teoria da invisibilidade da mulher negra em todos os espaços, não se apresentando diferente nas entrelinhas desta pesquisa, onde as mesmas aparecem em minoria. Segundo CARNEIRO (2003) mulheres negras historicamente tiveram uma experiência diferente do discurso sobre opressão da mulher que costumamos ouvir. Enquanto a mulher branca saiu às ruas para reivindicar por seus direitos civis, como o de trabalho, por exemplo, a mulher negra já estava no mercado de trabalho para garantir seu sustento. Logo resta

para mulheres negras serem vistas como mulheres com o contingente de identidade de objeto, sendo delegado a nós apenas o papel na história como mercadoria, portadoras de profissões subalternas e jamais como parte de construção nas questões políticas, sociais, etc.

O que fica evidente até o momento é que infelizmente há uma carência da temática e de fontes sobre a mesma na área acadêmica que pretendi trabalhar, e nesse sentido busquei com essa pesquisa trazer a tona estes personagens da História que não são abordados com tanta frequência como outros. Além de trazer algumas discussões em torno da desigualdade de gênero, o nível de escolaridade dos/as militantes, organizações de resistência que os mesmos atuavam, etc.

4. CONCLUSÕES

A história da população negra ainda encontra-se em processo de reconstrução e com esse trabalho coloco os/as negros/as como protagonistas de sua própria história, ou seja, fazer com que nossa história de agora em diante seja contada por novos olhares, os nossos próprios. São olhares daqueles que agora tem a oportunidade de resgatar histórias de ancestralidade e resistência da população negra.

Por vezes faz parecer que mulheres negras e homens negros que viveram e sobreviveram ao período da ditadura civil militar no país, simplesmente não existiam na história oficial ou se por ventura existiram, ficava no ar a ideia de que essa população não mostrou resistência e luta ao golpe, pois até mesmo o próprio relatório da Comissão Nacional da Verdade fez questão de fomentar o esquecimento da população negra nos seus textos temáticos de violação de direitos humanos, por exemplo.

A pesquisa ainda está em andamento e não é minha função aqui dar qualquer veredito de um perfil de militante negra/o das organizações de resistência, pra além disso, a proposta da pesquisa é saber mais sobre a história destes/as militantes que ainda estão no anonimato. Quero também trazer a reflexão dos problemas que os pesquisadores que trabalham com temáticas que fazem o recorte racial enfrentam, justamente por todos os pontos já citados de ausência de fontes ou historiografias que ainda tendem a diminuir a trajetória e a importância da população negra na construção do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, p. 49-58, 2003.

COSTA, H. **Fala, crioulo**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.6, n.30, p. 215-250, 2009.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.12, n.23, p.100-122, 2007.

GORENDER, J. **Combate nas trevas**. 5. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014.

Governo Federal. **Comissão Nacional da Verdade (CNV)**. Brasília, Acessado em 13 dez. 2015. Online. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_pagina_275_a_592.pdf

KÖSSLING, K.S. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Curso de pós-graduação em História Social,. Universidade de São Paulo.

NAPOLITANO, M. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.